

Páginas 02 /03. Scanner da versão impressa do jornal *A Tribuna de Minas*, com reportagem de capa sobre a participação da Papelote na Feira Plana de 2017. Versão online: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/14-02-2017/passando-de-mao-em-mao.html>

Página 04. Cópia do contrato para a participação da “Banca Papelote” na edição de 2017 do evento Corredor Cultural, organizado pela Prefeitura de Juiz de Fora. [Comprovação online.](#)

Página 05. Recorte do zine/poster sobre os 100 anos do Paço Municipal de Juiz de Fora. [Comprovação online.](#)

Página 06. Reportagem publicada em 2011 na versão impressa d’*O Globo* citando a Pug Records. [Versão online.](#)

Página 07. Reportagem publicada em 2012 na versão impressa d’*O Globo* citando a Pug Records. [Versão online.](#)

Reportagem da Tribuna de Minas sobre os 10 anos da gravadora Pug Records (2010-2020), incluindo entrevista com o proponente, que é o. A reportagem traz ainda a discografia completa até a data da publicação, onde é possível aferir que a maioria dos lançamentos são de artistas juiz-foranos estreantes.

“Foram dez anos de bons serviços prestados à música feita em Juiz de Fora (...) Desde seu lançamento, em 2010, a Pug Records ajudou a gravar, produzir, divulgar e distribuir o trabalho, principalmente, dos artistas locais, incluindo nomes como Top Surprise, duplodeck, Alles Club, Filipe Alvim, Baco Doente, BAAPZ, Fugere e tantos outros, além de artistas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e até da gringa (Estados Unidos, Israel e Japão).” [Link da reportagem.](#)

Em um busca por posts/reportagens sobre a PUG RECORDS, constam mais de [20 aparições na tribuna de Minas](#), além de dezenas em blogs especializados de alcance nacional.

Para fotos da revista JF LANCHES, visite [Instagram.com/lanches.press](https://www.instagram.com/lanches.press)
Acompanhe a editora Papelote em [instagram.com/papelote.press](https://www.instagram.com/papelote.press)



TURMA DA Papelote Press trabalha para terminar novas edições dos zines de bolso até março, quando acontece a Feira Plana

Júlio Black repórter

Rodando de mão em mão, de banca em banca e de boca a boca, o Papelote Press vai buscando seu espaço no mundo da cultura alternativa. O projeto de publicações independentes, iniciado no ano passado, foi selecionado para participar da quinta edição da Feira Plana - Festival Internacional de Publicações de São Paulo, que acontece entre 17 e 19 de março no Pavilhão da Bienal, na capital paulista. O evento, destinado a fomentar projetos de cultura gráfica por meio de exposições, debates, oficinas e palestras, reúne mais de 200 expositores do Brasil e do exterior, de países como Espanha, Holanda, Argentina, Uruguai, Colômbia, Chile e Estados Unidos. Haverá lançamentos de fanzines, livros e fotolivros, impressão ao vivo de cartões postais, lançamento de linha de camisetas e acessórios de vestuário, entre outras atividades.

A Papelote Press estará na Fei-

ra Plana por meio de seus idealizadores, o fanzineiro e cabeça do selo Pug Records, **Eduardo Vasconcelos**, e o artista gráfico, fanzineiro, produtor da festa Bang e DJ Josimar Freire, também conhecido por Gramboy e que já participou do evento em 2015. A ideia da dupla é distribuir na Feira Plana os fanzines já publicados pela Papelote, que levam o nome do projeto, além dos que já estão em fase de produção, mais trabalhos de Josimar na área da serigrafia e gravura, além de livros, fanzines, vídeos de skate e outras paradas. Fiéis ao lema de “quanto mais divulgação, melhor”, vão aproveitar para levar CDs dos artistas da Pug Records e trabalhos da galera local que esteja disposta a receber aquela força - incluindo aí aqueles que estão fora do mercado de publicações independentes, por disponibilizarem suas produções apenas na internet.

“É muito importante dar sequência às nossas ações fora da

cidade, e um evento de porte tão grande como a Feira Plana permite um intercâmbio muito forte. Ele ajuda a expandir a rede de contatos, reforça nossa marca e até mesmo a visualização em nossa cidade”, comemora Josimar Freire. “É a chance de termos um grande público conhecendo nosso trabalho. As edições anteriores tiveram um público médio de dez mil pessoas, que deve aumentar com a ida para o Pavilhão da Bienal. Vai ajudar a acelerar nossa produção”, acredita Eduardo, lembrando que o projeto também tem perfil no Instagram (www.instagram.com/papelote.press).

A ideia de um projeto no estilo da Papelote Press surgiu no início de 2016, mas tomou forma e realidade em novembro, quando foi lançada a primeira edição, com a banda carioca Cigarettes, seguido em janeiro pela edição dedicada ao local Filipe Alvim e à festa Bang. E tanto Eduardo quanto Josimar levaram a sério o

chamado formato de bolsos. Os fanzines são curtos e geram um tratamento do assunto pensando e informando na medida exata e capazes de caber no bolso, na calça, na camisa e até mesmo na carteira. Tudo para facilitar a distribuição e custos, pois os fanzines costumam - se muito - um pouco “caros” por parte de quem recebe o zine ou pega os seus nas bancas que eles montam nos eventos independentes.

“Nosso projeto ainda está no início, então tive a ideia de inscrevermos o Papelote em parceria com os meus trabalhos na Feira”, explica Josimar. “É uma oportunidade de mostrar nosso trabalho, que não é apenas de ser de panfletagem da cultura alternativa”, acrescenta. “Essa proposta dialoga com o tema principal do evento”, diz Eduardo, que também escreve para o blog database.fm.

SEGUE P15 →

DOIS+

CULTURA ALTERNATIVA

Passando o mão em m


Papelote Press,
de Juiz de Fora,
participa em março
da Feira Plana,
um dos principais
eventos gráficos
e de cultura
independente do
Brasil





JUIZ DE FORA
P R E F E I T U R A

CONTRATO nº. 01/2017/179 DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS QUE ENTRE SI CELEBRAM DE UM LADO, A FUNDAÇÃO CULTURAL ALFREDO FERREIRA LAGE FUNALFA e EDUARDO BENTO DE VASCONCELOS.

FUNALFA	
REGISTRADO NO LIVRO Nº	01 FLS 180
DATA:	26 / 05 / 2017
ASS.	

A **FUNDAÇÃO CULTURAL ALFREDO FERREIRA LAGE – FUNALFA**, situada nesta cidade na Avenida Barão do Rio Branco, nº. 2.234, Centro, regularmente inscrita no CNPJ sob o nº. 20.429.437/0001-52, CEP 36.016-310, neste ato representado por seu Superintendente, **RÔMULO RODRIGUES VEIGA**, doravante denominado **CONTRATANTE** e de outro **EDUARDO BENTO DE VASCONCELOS**, portador do CPF Nº. 080.714.416-94, RG MG 14.344.294, residente na Rua Monsenhor Gustavo Freire, nº 10, São Mateus, Juiz de Fora - MG, CEP 36.016-470, doravante denominada **CONTRATADA**, firmam o presente contrato de prestação de serviços com suporte na Lei nº. 8.666/93 art. 25 inciso III, mediante as seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA PRIMEIRA
DO OBJETO

1 – Constitui objeto do presente contrato a produção de zines para a “Banca Papelote”, que ocorre na Praça Antônio Carlos, durante a programação do Corredor Cultural 2017.

CLÁUSULA SEGUNDA
DO VALOR E FORMA DE PAGAMENTO

2 – O valor total da prestação de serviços objeto deste contrato será de **R\$1.500,00 (hum mil e quinhentos reais)**, a serem pagos pela **CONTRATANTE**.

2.1 – Os pagamentos serão efetuados mediante transferência bancária para a seguinte conta da **CONTRADADA**: Banco do Brasil, AG 2995-5, Conta 23646-2.

FUNALFA

Av. Rio Branco, 2.234 – Centro – CEP 36.016-310 - Tel: (32) 3690-7033 / Fax: (32) 3213-9333
Juiz de Fora - MG

100 anos do prédio Repartições Municipais

Após a Proclamação da República, as cidades brasileiras buscavam inspiração nas metrópoles europeias para superar seu passado imperial e colonial. Na virada para o século XX, centros urbanos brasileiros foram reformulados de acordo com o ideário parisiense, que propunha uma racionalização do espaço público comprometida em atender às demandas impostas pela industrialização. Arborização, alargamento de vias, arquitetura eclética, construção de grandes prédios públicos e criação de áreas de lazer são algumas das características dessa escola urbanística que ajudou a definir a paisagem do centro de Juiz de Fora. Inaugurado em 1918, o prédio Repartições Municipais é símbolo de um período em que desenvolvimento social, econômico e cultural caminhavam juntos.

Na década de 1850, a Vila de Santo Antônio do Parabuna já apresentava parte do traçado exibido pelo Google Earth quando buscamos pela região central de Juiz de Fora. A Estrada do Parabuna foi projetada em 1836 e, rebatizada de Rua Direita, começou a orientar o crescimento do município a partir dos anos 1860. Em 1853, inaugurou-se a primeira edificação das Repartições Municipais com o intuito de abrigar a Câmara dos Vereadores, que naqueles tempos também exercia o Poder Executivo. Adquirido pela Câmara no ano seguinte, o Largo Municipal, apesar de ser renomeado para Jardim Municipal, continha um espaço descurado, sem investimentos do poder público.

Em 1878, ao lado do Repartições Municipais, é inaugurado o Palácio Barbosa Lima, uma construção de estilo clássico que passa a abrigar o Fórum e a Câmara. No ano seguinte, o Jardim Municipal passa por sua primeira reforma, inspirada pelos jardins ingleses. Enquanto isso, a conclusão da Estação Ferroviária, em 1877, impulsionou a construção de edificações de estilo neoclássico e eclético nos arredores da Praça João Penido, conhecida popularmente como Praça da Estação.

Aspirando por modernidade e impulsionada pelo desenvolvimento econômico, a sociedade juiz-forana intensificou as melhorias do espaço público no início do século XX. O Jardim Municipal foi remodelado pela Construtora Pantaleone Arcuri & Spinelli em 1902, quando recebeu a denominação Praça Coronel Halfeld.

O Gabinete do Prefeito era no andar térreo, muito acessível à sanha dos brêches (...). Julguei prudente mudá-lo para o plano superior, que, além de mais digno, tinha a vantagem de formar o prefeito dos riscos de trevas e insolações guardadas pelo calor das justas reclamações: três dezenas de degraus de madeira a rincar e repercutir pisadas duras, sem recurso do elevador, são bem mais eficazes do que os calmantes (...). Quando o reclamante chega lá em cima, já houve considerável consumo de calorias e bom desgaste de reservas musculares.

Porque a vida é a luta e na luta, principalmente na luta intelectual, vence sempre o responsável, isto é, o que respira mais compassadamente.

Trecho do livro Diário de um Prefeito, de Menelick de Carvalho, que governou Juiz de Fora de 1933 a 1936.

Construção do Paço Municipal em 1917.

Repartições Municipais em 1915, antes da demolição que deu espaço para as novas instalações.

Em 1912, a Rua Direita muda de nome para Avenida Rio Branco e, quatro anos depois, é alargada, pavimentada e recebe canteiros laterais, transformando-se em *boulevard*.

Em 1918, é inaugurado o novo prédio Repartições Municipais, também chamado de Paço Municipal, substituindo a antiga sede que funcionava no mesmo local, no encontro da Avenida Rio Branco com a Rua Halfeld. É neste período que a *Manchester Mineira* reafirma sua linguagem arquitetônica, que nos anos seguintes evoluiria do ecletismo para o *art déco* e modernismo. Ainda que não contemple ferrovias e chaminés, o conjunto arquitetônico onde está inserido o Paço Municipal é um emblema da industrialização e dos tempos áureos da cidade.

Desde sua reinauguração, cem anos atrás, o Repartições Municipais é um dos principais marcos arquitetônicos de Juiz de Fora. Por constituir um importante referencial geográfico, órgãos públicos, pontos comerciais e serviços aglutinaram-se ao seu redor. A construção imponente, de estilo eclético, passou por uma ampliação na fachada lateral em 1934, que respeitou o projeto original do arquiteto Raphael Arcuri, e por outra na área interna em 1944. Diferentes setores administrativos já funcionaram no local, incluindo a Câmara e a Prefeitura. Tornando como patrimônio cultural em 1983, o prédio abriga atualmente o Espaço Cidadão e a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa.



Juiz de Fora na década de 30, quando a Prefeitura funcionava no prédio Repartições Municipais, cuja varanda muitas vezes era utilizada como *palanque*.



Quem está soprando as velinhas de 100 anos é o prédio da Funalfa, antigo Paço Municipal. Localizado no coração de Juiz de Fora, o edifício segue sua trajetória de compromisso com os carijós. Parabéns aos envolvidos!

ECLETISMO

SURTIU NA FRANÇA POR VOLTA DE 1840. A ARQUITETURA ECLETICA BUSCAVA HARMONIZAR DIFERENTES ESTILOS ESTÉTICOS HISTÓRICOS, COMO A ARQUITETURA CLÁSSICA, MEDIEVAL, RENASCENTISTA, BARROCA E NEOCLÁSSICA. DE MANEIRA GERAL, SE CARACTERIZOU PELA SIMETRIA, BUSCA DE GRANDIOSIDADE, RIQUEZA DECORATIVA E RIGOROSA HIERARQUIZAÇÃO DOS ESPAÇOS INTERNOS. O ECLETISMO FOI A LINGUAGEM ARQUITETÔNICA PREDOMINANTE DURANTE O PERÍODO CONHECIDO COMO *BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA*, QUE VAI DE 1889 A 1930. DA QUEDA DO IMPÉRIO ATÉ FINS DA REPÚBLICA VELHA.

RAFAEL ARCURI

NASCIDO NA ITÁLIA EM 1881, RAFAEL ARCURI É O FILHO PRIMOGÊNITO DE PANTALEONE ARCURI, COFUNDADOR DA PRINCIPAL EMPRESA DE CONSTRUÇÃO DE JUIZ DE FORA NO INÍCIO DO SÉCULO XX. ALÉM DO REPARTIÇÕES MUNICIPAIS, RAFAEL PROJETOU OUTRAS EDIFICAÇÕES EMBLEMÁTICAS DA CIDADE, COMO A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL (1918), A GALERIA PIO X (1923), O BANCO DO CRÉDITO REAL, O CINE-TEATRO CENTRAL (1929) E O EDIFÍCIO CLAMP (1930). CONCLUINDO A TRANSIÇÃO DO ECLETISMO PARA O *ART DÉCO*, UMA DE SUAS ÚLTIMAS OBRAS FOI A CASA D'ITALIA, EM 1939. NA DÉCADA SEQUENTE, FIGURARIA A CARGO DE SEU IRMÃO CAÇULA, ARTHUR ARCURI, INTRODUZIR A ARQUITETURA MODERNA EM JUIZ DE FORA.

A INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO BARBOSA LIMA EM 1878, CONTOU COM A PRESENÇA DO IMPERADOR DOM PEDRO II



RUA SANTO ANTÔNIO

RUA HALFELD

ISSO AQUI ERA TUDO MATO ATÉ 1879. AS GRADES FORAM RETIRADAS EM 1923, MAS A PRAÇA CONTINUOU SENDO CHAMADA DE *PARQUE*



AV. RIO BRANCO

EM 1981 FOI CRIADA A PISTA EXCLUSIVA PARA ÔNIBUS.



AV. GETÚLIO VARGAS



ESTE TRECHO DA RUA HALFELD SÓ FOI VIRAR *CALÇADÃO* EM 1975.



Selfie-patrimônio

SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA:

DICAS DE *DIGITAL INFLUENCERS* PARA QUE SUA FOTO FAÇA SUCESSO NAS REDES SOCIAIS.

1

Para respeitar o legado do arquiteto Raphael Arcuri, o melhor ângulo é na faixa de pedestres entre o canteiro e o Calçadão. Utilize um pau de selfie e capriche na composição – o prédio deve ficar à sua direita. Um olho no celular e outro no semáforo para evitar atropelamentos.



O clássico retrato de família está sempre na moda. A regra é clara: adultos atrás, crianças e animais de estimação na frente. Na hora do clique, basta dizer "venas". Mais juiz-forano, impossível.



2

NÃO ESQUEÇA DE MARCAR A LOCALIZAÇÃO E POLVILHAR ALGUMAS HASHTAGS.

#MANGHESTERMINEIRA #CARIJÓ #JUFAS #PRINCESINHADEMINAS #CAPITALDAZONADAMATAMINEIRA #TEENCONTRONPIRULITO #QUATROESTACÕESNOMESMODIA

TRANS CULTURA

SEGUNDA-FEIRA Artes Visuais TERÇA-FEIRA Música QUARTA-FEIRA Artes Cênicas QUINTA-FEIRA Cinema SEXTA-FEIRA Transcultural

É tudo mentira

Sites de falsas notícias, como o The Onion, pregam peças no mundo

O ator Sean Penn está furioso porque alguém já se cadastrou como seanpenn@gmail.com. Mulher engravidou vendo filme pornô 3D. Creches na Indonésia terão uma área dedicada aos bebês fumantes. Não, nenhuma dessas notícias é verdadeira. Mas todas elas estão circulando pela internet neste exato momento. Tem mais notícias falsas na rede do que iogurterias no Rio de Janeiro. O site The Onion é campeão nesse assunto. Composto unicamente por falácias hilariantes, o jornal on-line compila uma série de absurdos com uma roupagem hipercrível. Pode apostar que o leitor desavisado acreditará piamente que se trata de um jornal confiável. Tanto é que muito jornalista já repassou adiante as piadas como se fossem fatos, por mais absurdos que eles sejam. E assim criaram algumas celeumas internacionais. Um jornal de Pequim, na China, por exemplo,

já republicou um artigo inteiro do The Onion, segundo o qual o Congresso americano estaria ameaçando se mudar para Toronto, no Canadá, caso não construíssem, em Washington, um Capitólio mais bonito, de preferência com "domo retrátil".

E já existe uma espécie de versão brasileira do The Onion. Ela se chama O Sensacionalista. O jornal tem poucos meses de vida, mas já está

funcionando a todo vapor, com atualizações diárias informando tudo o que não aconteceu nas últimas horas. E ele também está sendo levado a sério. A notícia da mulher que teria engravidado vendo um filme pornô 3D foi republicada no mundo inteiro.



Recentemente, inventaram que Galvão Bueno teria aderido ao Twitter, mas com direito a dois milhões de caracteres. E que um modelo chamado Judas Cardoso teria traído Jesus Luz e estaria se relacionando com Madonna.

E muita gente acredita! No site tem uma janela dedicada somente aos jornais do mundo que caíram na mentira. São muitos. No entanto, para qualquer um que ler com calma, já vai cair a ficha na primeira página. O próprio slogan diz tudo: "Sensacionalista. Um jornal isento de verdade."

O alvo dos dois sites parece ser o mesmo. Mais do que o leitor, que se diverte com o que lê, quem sofre é a própria indústria de notícias desnecessárias, que já não pode mais copiar e colar tudo o que vê pela frente. (Gregorio Duvivier)



TEM GENTE que ainda não acredita que o homem foi à Lua. Imagine depois dessa manchete

'TCHEQUIRAU'

Coisas que a gente anda curtindo

- **Antonio Pedro:** Uma exposição só de capacetes do Darth Vader customizados por cem artistas diferentes é o que você vê no site The Vader Project (www.thevaderproject.com). Bacana.
- **Bruno:** Cansado da Copa do Mundo? Para com isso. A competição da África entra na reta final, e a próxima é no Brasil. Para ir entrando no clima para 2014, vale visitar o FIFA Fan Fest, em Copacabana. Programão.
- **Carlo:** O circo de mobles de Alexander Calder era apertadinho por ele a um grupo seleto de intelectuais de sua época. Hoje, graças ao YouTube, nós podemos apreciar essa obra incrível (youtube.com/watch?!).
- **Fabiano:** O DJ Bernardo Campos, do coletivo Molo-tov 21 e revelação da noite carioca, gravou um set especial para o site nova-iorquino The Mixtape Club (themixtapeclub.org).
- **Gregorio:** Natalia Klein escreve o hilariante blog "Adorável psicose", que fala do mundo feminino sem cair no clichê-mulherzinha (<http://adoravelpsicose.blogspot.com/>).

Fitas cassete voltam carregadas

Gravadoras do Brasil e do exterior se especializam em lançamentos no antigo formato

O passado nem tão distante permite lembrar perfeitamente as fitas cassetes e todo o ritual que as envolvia: carregar o trambolhudo walkman pra cima e pra baixo, rebobinar as fitas, girando-as presas a uma caneta pra economizar pilha, o prazer de fazer uma seleção para dar de presente, e a glória que era fazer as músicas caberem de maneira exata em cada lado, sem sobrar nem faltar um minutinho sequer, tudo milimetricamente pensado. Numa época em que se pode carregar a discografia planetária dentro do bolso, é até difícil enxergar algo de positivo nessa trabalhadeira.



EDUARDO, AMANDA E ANDRÉ, donos da Pug Records, de Juiz de Fora: tiragens limitadas, só em cassete

Acreditando no poder do romantismo e de olho no mercado analógico, puxado pelo resurgimento do interesse do grande público pelos discos de vinil, selos estrangeiros e nacionais especializados em lançamentos no formato cassete vêm se espalhando. No Brasil, a Pug Records (pugrecords.com), criada em Juiz de Fora pelos estudantes Amanda Dias, André Medeiros e Eduar-

do Vasconcelos, está operando desde janeiro deste ano. Em acordo com a mídia que elegeram, sem a pressa dos tempos virtuais, a Pug esperou até formar um catálogo próprio mínimo antes de começar a divulgar os lançamentos próprios e os títulos que distribuem de selos estrangeiros especializados nas fitinhas, como a K Records e a Elephant 6.

Por enquanto foram dois lançamentos. "Eu, eu mesmo e os vários beijos cafeinados", da Coloração Desbotada, e "Everything must go", estreia da Top Surprise, banda do André. Na fila está o "Complete recordings", da banda Duplodeck, que acabou 2005 sem deixar nenhum material oficial. As tiragens são limitadas, e as cópias, feitas na munheca, uma a uma.

Metade da produção é distribuída nos Estados Unidos, pela Lost Sound Tapes (www.lostsoundtapes.com). Por aqui, as vendas ainda são modestas. Sem medo de parecer esquizofrênica, a Pug Records também lança versões em MP3 de alta qualidade (ou a melhor possível) e comemora os mais de três mil downloads de seus lançamentos, a maior

parte feita através de blogs de MP3, os principais parceiros na divulgação.

O público das fitinhas é formado por colecionadores, jovens que se identificam com o perfil do selo e alguns europeus que fazem questão de adquirir a cópia física, mesmo tendo que importar uma fita do Brasil.

Ao mirar nos internautas que baixam MP3 e ainda valorizam tiragens limitadas e cópias artesanais e estão dispostos a pagar R\$ 7 por um produto exclusivo, a escolha pelas fitas cassetes funcionou. Primeiro porque chama a atenção, trazendo uma visibilidade para a Pug Records que de outra maneira levaria mais tempo. O diferencial também facilitou os acordos de distribuição no exterior.

Tem também a questão do custo. Enquanto os CDs exigem uma prensagem alta para valer a pena, os vinis são muito caros e CD-Rs não valem quase nada no mercado, as fitas cassetes podem ser produzidas de maneira caseira, de acordo com a necessidade, além de complementar a estética do selo, afeito aos sons *lo-fi*, gravados em quatro canais, com microfônias e ruídos vazando.

Uma das maiores dificuldades do selo, quem diria, é conseguir fitas virgens para fazer as gravações. Os cassetes não são mais produzidos no Brasil e têm que ser importados. (Bruno Natal)

AGENDA

Sábado, 3

• Tem cerveja 0800 para conferir os inventos musicais e interativos de Paulo Nenfilidio na galeria A Gentil Carioca (Rua Gonçalves Ledo 17, Sobrado), a partir das 16h. São máquinas sonoras movidas a água e ar comprimido. E a nova Parede Gentil — uma parede mesmo, modificada a cada exposição — é assinada por Thiago Rocha Pitta.

Quarta, 8

• Mano Brown e Dom Pixote, do Racionais MCs, fazem "Show gratuito para mulheres" na festa Luv, no CO.

FICA A DICA

• A Electrosake agora só faz edições especiais, então não dá para perder a do dia 31 de julho, com Boss in Drama, a dupla Yugo e André Câmara e Henrique Sauer, no Fosfofox.

O GLOBO NA INTERNET
oglobo.com.br/cultura

- Ouça o set de Bernardo Campos
- Veja imagens de Alexander Calder

NO TWITTER
twitter.com/OGlobo_Cultura

Transcultural é um coletivo formado por Antonio Pedro Ferraz, Bruno Natal, Carol Luck, Fabiano Moreira e Gregorio Duvivier. Edição: Carlos Albuquerque e Tom Leão
E-mail: transcultural@oglobo.com.br

Uma jornada de esperança e superação, conduzida pela fé

CARTA

Direito autoral

- O Ministério da Cultura agradece a disposição do jornal O GLOBO em participar do debate público sobre a modernização do direito autoral, demonstrada no domingo (27/6). No entanto, convidamos o veículo a participar despindo-se de ideias pré-con-

tes reclamações de artistas, criadores e usuários. O trecho citado pelo jornal sobre "notícias diárias" já faz parte da Convenção de Berna, tratado internacional sobre o tema do qual o Brasil é signatário desde 1923. Outro trecho da lei citado pelo veículo, referente a "acontecimentos extraordinários e imprevisíveis", já faz

O GLOBO

Aos 103 anos, o diretor português Manoel de Oliveira finaliza filme que reflete sobre a crise europeia • 2

Novo livro da editora Cobogó traça um panorama da produção de pinturas feita hoje no Brasil • 10

SEGUNDO CADERNO

TERÇA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 2012



Rebobine, por favor

A fita cassete faz 50 anos resistindo à era digital através de pequenos selos, aplicativos e produtos de consumo pop

Carlos Albuquerque
carlos.albuquerque@oglobo.com.br

Uma charge que circula pela internet mostra um walkman de capa e capacete pretos falando para um iPod branco: "I am your father" (Eu sou o seu pai), numa alusão à célebre frase de Darth Vader para Luke Skywalker no filme "O império contra-ataca", de George Lucas. A brincadeira ganha um sentido todo especial em 2012, quando a fita cassete completa 50 anos. Enquanto o aparelho criado da Sony parou de ser produzido no Japão em sua versão original em 2010, a pequena fita cassete, inventada pela Philips em 1962 e carinhosamente apelidada de K7, resiste ao seu fim várias vezes anunciado.

Em pleno reinado dos *players* digitais, ela respira sem a ajuda de aparelhos, mantendo-se através de pequenos selos no Brasil (como o mineiro Pug Records) e no exterior, sempre em tiragens limitadíssimas. Além disso, sua imagem e seu formato ainda inspiram de aplicativos — como o Stereolizer, que simula um rack de gravação em cassete — a obras de arte — como as criações da artista americana Erika Iris Simmons, feitas com pedaços de fita —, além de vários produtos de consumo pop.

— Sou louco por fitas cassete e tenho uma grande coleção que escuto no toca-fitas que ainda tenho no car-



LANÇAMENTOS da gravadora Pug Records



STEREOLIZER: aplicativo simula gravação



cos em cassete. Esse formato é parte da História da música.

Vile se refere à iniciativa do Dinosaur Jr, um dos mais amados grupos de rock alternativo dos Estados Unidos, que relançou, no fim do ano passado, três álbuns no hoje inusitado formato de fitas cassete. Intitulada "The cassette trilogy", a caixa, de apenas 500 cópias, trazia os discos "Dinosaur", "You're living all over me" e "Bug".

Em 2011, outros dois grupos também entraram nessa onda retrô. O Animal Collective lançou uma fita cassete com quatro músicas inéditas. O Of Montreal foi mais longe e lançou, em outubro, uma caixa (de madeira) contendo dez discos da banda em versão cassete. As iniciativas replicam, de certa forma, uma outra, bem anterior, feita pelo Radiohead, que, em 1997, quando os CDs já dominavam o mercado, lançou "Ok Computer" também nesse formato — a fita pode ser encontrada, ainda hoje, na Amazon.

Dois anos depois, já escasseando nas lojas, a fita cassete foi o meio encontrado por um grupo brasileiro para se lançar para o estrelato indie.

— Na época, uma cópia em CD não era tão fácil ainda. Marcelo (Camelo) e eu colecionávamos fitas-demo das bandas de que gostávamos; esse era, então, o meio mais natural para a gente lançar o Los Hermanos — conta Alex Lerner, produtor do grupo. — As fitas eram feitas manualmente num *double-deck* lá de casa. Toda a distribuição era feita